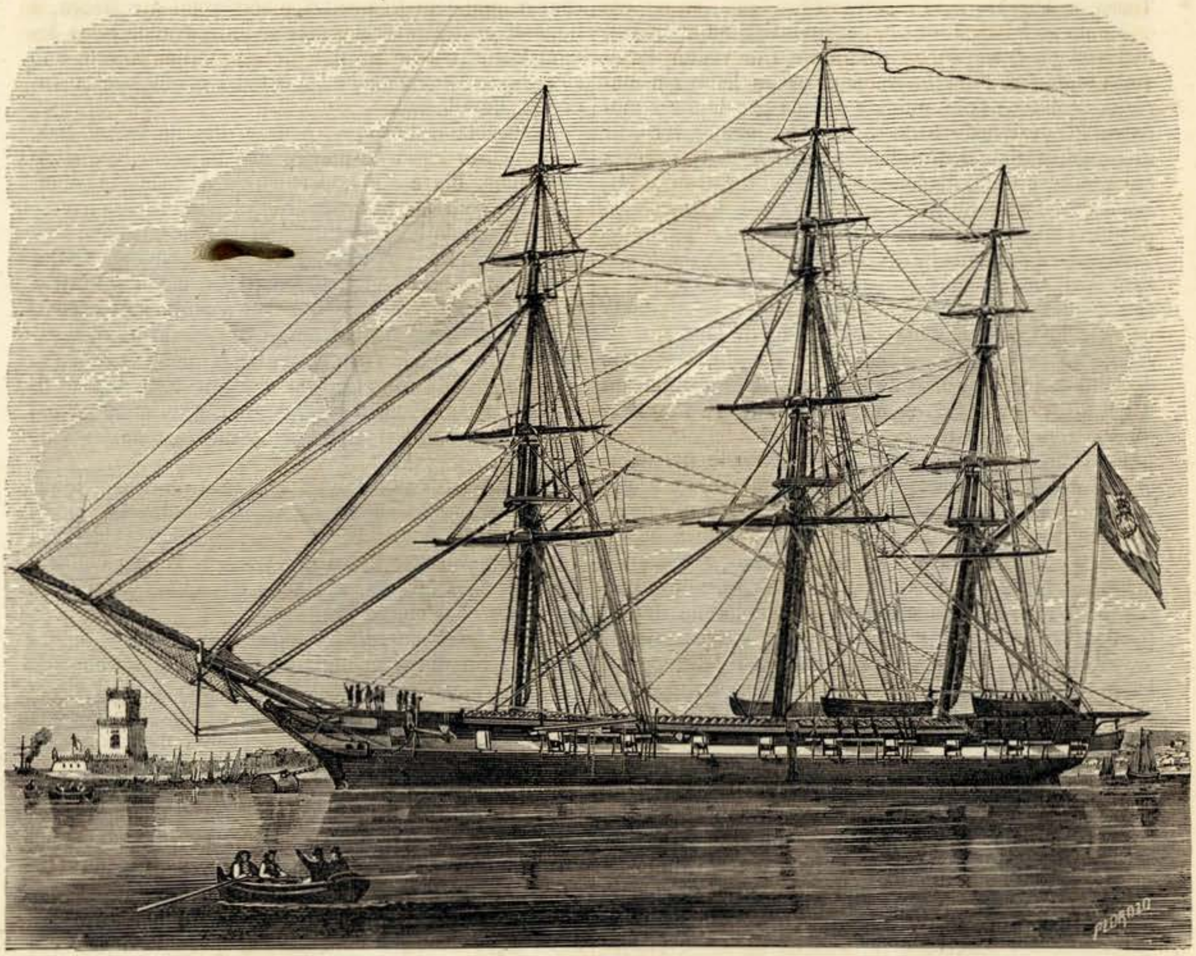


Corveta brasileira *Imperial Marinheiro* — Desenho e gravura de Pedroso

A entrada no porto de Lisboa de um navio de guerra brasileiro é um acontecimento raro, e que sempre nos enche de jubilo pela sympathia, e pelos interesses que nos ligam aos povos de Santa-Cruz. Ao *Archivo Pittoresco* toca registral-o, estampando nas suas paginas o desenho da corveta *Imperial Marinheiro*, e nós comprazemo-nos de ter esta opportunidade de pagar uma divida de gratidão, escrevendo uma succinta noticia ácerca d'este navio.

A corveta *Imperial Marinheiro* foi construida no Rio de Janeiro em 1850. Logo que a mestrança a deu por prompta, e se acabou de armar, o governo imperial confiou-lhe, em 1851, a importante commissão de ir ao Rio da Prata. N'aquella epocha, os vexames padecidos pelos brasileiros residentes no Uruguay tinham consideravelmente augmentado [1], e as intrigas do general Oribe, da referida republica oriental, e do dictador Rosas, de Buenos-Ayres, tornavam-se de todo o ponto intoleraveis para o Brasil. Celebrando-se um tratado entre o governo imperial e o general Urquiza, governador de Entre-Rios, as tropas d'este general com as do Brasil entraram em campanha contra Rosas. Esta campanha foi breve, e o seu resultado favoravel aos interesses do imperio brasileiro. O general Oribe capitulou, e Rosas teve que fugir de Buenos Ayres.

[1] Epitome da historia do Brasil, por Xavier Pinheiro. 2.ª edição. 1860.

Voltando d'esta expedição naval, no Paraná, a corveta *Imperial Marinheiro* fez a primeira viagem de instrucção. Dirigiu-se ao cabo de Horn, na Terra do Fogo, tocando no archipelago de Malouines ou Falkland, na extremidade sul da America meridional.

Ao regressar ao seu ancoradoiro, nova e mais honrosa commissão lhe estava reservada. O governo de Paraguay, depois de ter concertado com o Brasil o estabelecimento da livre navegação do rio Paraguay [1], regulando o commercio e limites entre a republica e o imperio, faltou ás suas promessas, negando-se ao cumprimento das obrigações contrahidas, e mandando saír do territorio da republica o encarregado de negocios do Brasil. Por tão insolito procedimento não podia o governo imperial deixar de exigir uma satisfação immediata. Mandou, portanto, aprestar uma esquadrilha de dezenove vasos de guerra, em cujo numero entrava esta corveta, sendo o commando de toda a força naval dado ao chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira, que tambem levava poderes especiaes para as negociações diplomaticas.

O governo de Paraguay deu todas as satisfações exigidas, porém só mais tarde, em 1856, é que veiu a regular-se definitivamente o tratado de amizade, navegação e commercio.

No anno seguinte, em 1857, a corveta veiu á Europa em viagem de instrucção. Saindo do Rio de Ja-

[1] Tratado de 20 de dezembro de 1850.

neiro, tomou para logo a direcção de Lisboa, dando fundo n'este porto aos 12 de março do mesmo anno. Commandava então a corveta o sr. capitão tenente (hoje capitão de mar e guerra), Francisco Cordeiro Torres e Alvim.

Tendo el-rei D. Pedro v, de saudosissima memoria, manifestado por essa occasião desejo de visitar a corveta *Imperial Marinheiro*, para assim honrar a marinha de uma nação amiga e alliada por duplices motivos, foi designado o dia 3 de abril para se verificar essa regia visita. O commandante Alvim deu-se pressa em preparar tudo, de concerto com o ministro do Brasil n'esta côrte, de modo que a corveta bem correspondesse á honra que ia receber.

No dia 3 foram, effectivamente, a bordo da *Imperial Marinheiro* suas magestades el-rei D. Pedro v, seu augusto pae el-rei D. Fernando ii, e suas altezas os srs. infantes D. Luiz (hoje el-rei D. Luiz i) e D. João, em companhia de pessoas da côrte, membros do ministerio e do corpo diplomatico. Desempenhavam a bordo os deveres da recepção o sr. ministro do Brasil e o commandante.

Na camara da corveta estava preparado um sumptuoso *lunch*, que suas magestades se dignaram acceitar. Na praça de armas haviam preparado outra mesa para os convidados. Durante o *lunch* tocou a banda do corpo de marinheiros da armada real, ouvindo-se o hymno brasileiro quando el-rei D. Pedro v levantou um brinde a sua magestade o imperador do Brasil, D. Pedro ii, e á familia imperial. Na mesa dos convidados o nosso ministro dos negocios estrangeiros havia já erguido egual brinde, que foi correspondido pelo sr. ministro do Brasil, propondo s. exc. uma saude ao sr. D. Pedro v e á familia real portugueza.

A visita de suas magestades durou mais de duas horas. Consta-nos que para este *lunch* fôra abonada a quantia de 6:000$000 réis.

No officio que o sr. capitão tenente Alvim enviou immediatamente para o seu governo diz, segundo tivemos occasião de ver por obsequiosa deferencia do actual commandante da corveta, que el-rei D. Pedro v, de saudosa memoria, visitára minuciosamente o navio do seu commando, louvando o arranjo de tudo, a boa artilheria e a disciplina da guarnição. A minudencia com que o finado soberano examinava todas as coisas, singularmente mencionadas em documentos nacionaes e estrangeiros, é, com verdade, mui honrosa para a memoria de D. Pedro v.

Deixando o porto de Lisboa, a corveta *Imperial Marinheiro* foi a Cadix e Gibraltar, e, depois de visitar treze portos do Mediterraneo, tornou a passar o Estreito, navegou para França, dirigindo-se ao importante porto de Cherburgo, em cujo dique entrou para certos reparos.

Voltando ao Brasil em setembro de 1861, foi inaugurar o primeiro dique da America Meridional, entrando n'elle. Esta inauguração fez-se com grande solemnidade e com a presença de sua magestade o imperador D. Pedro ii.

A *Imperial Marinheiro* tinha já outro commandante. Era o sr. capitão tenente Joaquim Rodrigues da Costa. Em janeiro do corrente anno recebeu este digno official ordem de se aprestar com a sua corveta para vir de novo á Europa. Aos 11 do referido mez picava as amarras e singrava em direitura aos portos do norte do Brasil. Como a corveta ia tambem em viagem de instrucção, e levava os guarda-marinhas que estudam a bordo o quarto anno da academia de marinha, curso de que é director o proprio commandante do navio, desde que saíu do Rio de Janeiro até que deu fundo no Pará, ultimo porto do imperio que visitou, fizeram-se muitos e differentes trabalhos hydrographicos.

Do Pará navegou directamente para o Porto, onde entrou, depois de fazer quarentena em Vigo, aos 27 de agosto passado. Devemos dizer que no Porto nunca entrára navio de guerra brasileiro. O alvoroço que os portuenses sentiram, pois, ao verem na sua perigosa barra este representante da marinha de um imperio com o qual tem frequentes e importantes relações, é impossivel descrever-se, mas póde-se avaliar pelas demonstrações de sympathia de que foram objecto não só o digno commandante, mas todos os officiaes da *Imperial Marinheiro*.

A corveta demorou-se poucos dias no Porto. Mas, n'esse curto lapso de tempo, não faltaram reciprocos obsequios. Dia e noite, portuenses de todas as condições affluiam ao navio brasileiro para o verem e se certificarem do bom acolhimento de seus officiaes, cuja delicadeza era já notoria. Para corresponder a tantos obsequios, e aos banquetes com que havia sido honrado, o digno commandante deu a bordo um esplendido jantar, para o qual foram convidados muitos cavalheiros e damas portuenses da primeira sociedade.

A musica da corveta, que se compõe de dezoito figuras, desembarcou dois dias para ir tocar no jardim de S. Lazaro, onde então se realisava uma festa de caridade.

Quando a corveta deixou as aguas do Douro, innumeros escaleres, cheios de pessoas notaveis, foram acompanhal-a até á barra. O sr. Rodrigues da Costa nos asseverou que ficára mui penhorado com tantos e tão especiaes favores, a alguns dos quaes só poderia satisfazer com eterna gratidão.

A *Imperial Marinheiro* entrou no Tejo a 6 de setembro. No dia 24, anniversario do fallecimento de sua magestade o sr. Duque de Bragança, D. Pedro i do Brasil, o commandante e os officiaes da corveta foram a S. Vicente de Fóra depositar uma coroa de saudades no jazigo do immortal legislador.

Aproximando-se a epocha dos festejos pelo real consorcio, e não tendo instrucções para se demorar mais tempo n'este porto, o sr. commandante Rodrigues da Costa tomou, sob responsabilidade propria, a louvavel resolução de ficar no Tejo a fim de prestar, com os outros navios de guerra aqui surtos, as honras navaes á recepção e enlace matrimonial da augusta princeza de Italia, a sra. D. Maria de Saboya. O sr. Rodrigues da Costa estava convencido de que o seu governo, attendendo ao caso extraordinario que a motivára, o relevaria d'esta falta, aliás gravissima na vida do marinheiro militar. Mas por que não ha de ser absolvida, se em tudo a bandeira e o nome brasileiro figuraram com muita honra e dignidade para o imperio?

Durante a sua estancia nas aguas do Tejo, a corveta foi visitada por muitas familias lisbonenses. Do seu arranjo interior e da disciplina que se observa a bordo, nada podêmos dizer depois do louvor, já mencionado, do sisudo e chorado rei D. Pedro v.

A corveta saíu de Lisboa a 13 de outubro com direcção a Cadiz. D'aqui seguiria para a Madeira, Teneriffe, S. Vicente, Fernando Noronha e Rio de Janeiro, onde, se o digno commandante não tivesse alterado as instrucções, devia surgir em principios de dezembro d'este anno.

Consta a guarnição da corveta de 160 praças, além dos guarda-marinhas que estudam, isto é, de uma companhia do corpo de imperiaes marinheiros, de um destacamento do corpo de fuzileiros navaes, e da marinhagem voluntariamente alistada para o restante serviço. Os imperiaes marinheiros são commandados por officiaes da armada nomeados pelo quartel general de marinha; e o destacamento de fuzileiros tem commandante nomeado pelo commandante do navio. De modo que no Brasil, o corpo de marinheiros está distribuido e embarcado por companhias, ou suas divisões, nos diversos navios da armada imperial, o que dá muita regularidade ao serviço, e inspira confiança aos officiaes que vão tomar conta de qualquer embarcação.

A marinha de guerra do Brasil tem tido nos ultimos annos grande desenvolvimento; e nos seus officiaes nota-se muito estudo, applicação e pratica. O governo imperial deseja, ao que parece, dar á marinha o grau de prosperidade que ella propria requer, como pedem as crescentes e instantes necessidades de uma nação d'aquella ordem, e á qual cumpre desempenhar uma importantissima missão civilisadora em toda a America.

BRITO ARANHA.

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

(Vid. pag. 286)

IV

Continúa o P. Sande a descrever no colloquio XVII o succedido aos embaixadores do Japão em Lisboa, Evora e Villa Viçosa, e na jornada para Castella até Madrid. Era então vice-rei de Portugal por el-rei Filippe I o cardeal Alberto, archiduque de Austria, filho do imperador Maximiliano, e sobrinho del-rei de Hespanha por sua irmã, e exercia egualmente pelo papa Gregorio XIII a dignidade de legado à latere n'estes reinos.

Tratava-se sua alteza com todo o apparato e ceremonial dos antigos reis de Portugal; mas nem por isso deixou de se mostrar de sobejo lhano e benevolo com os embaixadores japonezes. E não só na primeira audiencia que lhes deu, mas tambem em outras duas vezes que os admittiu á sua presença, no espaço de quasi um mez que estiveram em Lisboa, foi grande para com elles a sua affabilidade, e nunca permittiu que lhe beijassem a mão. Além de que, entre outros favores que lhes dispensou, foi um mandar-lhes o proprio coche em que costumava andar, para n'elle visitarem os principaes sitios da cidade. E não foi só de S. A. que os japões receberam provas do amor e consideração em que a sua nação era tida, mas tambem dos outros senhores e fidalgos da corte. Reconheceram por aqui, e pelo modo honroso com que foram acolhidos em todas as outras cidades do reino, e do resto da Europa que visitaram, que o affecto que os padres da Companhia lhes mostravam no Japão era verdadeiro; pois apesar de que os ouviam alli muitas vezes censurar os defeitos e costumes da sua nação, em suas cartas para a Europa não tinham feito mais que encobril-os e desculpal-os, exaltando pelo contrario a sua indole, luzes, industria, grandeza e boas partes, e representando-os como um povo bem policiado e illustre, assim na paz como na guerra.

Mas seguindo a narração, os padres da casa de S. Roque, por confissão dos japões, trataram-n'os desde a sua chegada até que partiram com tanto carinho, como a filhos por muito tempo esperados, que chegavam sãos e salvos, depois de graves perigos, á casa paterna. Demoraram-se em Lisboa vinte e cinco dias; e havida venia de S. A., despediram-se dos padres a 5 de setembro, em companhia só do P. Diogo de Mesquita, pois o P. Nuno Rodrigues os precedêra por causa de alguns negocios, e tomaram o caminho de Madrid, para se desempenharem da missão que tinham junto del-rei, e d'alli seguirem para Roma, fim principal da sua enviatura.

Acompanhou-os até aos confins do reino o P. Sebastião de Moraes, provincial dos jesuitas de Portugal, que depois, em 1588, foi eleito e sagrado em primeiro bispo do Japão, e morreu na viagem para o seu bispado. Atravessaram o Tejo para a provincia alemtejana, e depois de alguns dias de jornada através de campos riquissimos em cearas e azeite, chegaram a Montemór, muito abundante então em cavallos de raças portuguezas. Aguardava-os n'esta villa o mordomo do arcebispo de Evora, que, sabendo da sua proxima chegada, os mandou alli receber e hospedar á sua conta, enviando o seu proprio coche e alguns moveis para o serviço dos embaixadores. Fez elle tudo quanto lhe ordenára seu amo, e em sua companhia partiu a comitiva no seguinte dia para Evora, distante d'alli cinco legoas.

Descreve o auctor esta cidade, a que chama uma das tres principaes do reino, e tambem o magnifico collegio do Espirito Santo edificado desde os alicerces, e abundantemente dotado pelo cardeal rei, que o doára aos jesuitas, e o elevára á cathegoria de universidade, cuja fama dentro e fóra do reino, até á sua extincção em 1759, honrou o paiz e a memoria do seu fundador. Contavam-se n'este collegio cento e vinte padres que espalhavam por aquella provincia as luzes das letras, e as sementes da doutrina evangelica regadas com seus bons exemplos. Foi n'este collegio que, segundo o seu costume, se hospedaram os embaixadores. Entrando n'elle, tiveram a honra de achar o arcebispo de Evora, que quiz ser o primeiro a visital-os e dar-lhes o prolfaça da chegada á sua metropole.

Era este prelado D. Theotonio de Bragança, tio do duque d'este titulo. Orçavam então os fructos da mitra de Evora por quinhentos mil cruzados [1], o que, para aquelles tempos, era um rendimento opulento. Esmerou-se, como principe que era assim na ordem ecclesiastica como na civil, por tratar primorosamente os senhores japonezes. Em cada um dos sete dias que elles estiveram n'aquella cidade, mandou-lhes abundante comida de sua propria casa. No dia da exaltação da Santa Cruz, a 14 de setembro, convidou-os para assistirem á solemnidade d'aquelle dia na sé, e a jantar com elle no seu paço. Celebrou de pontifical o proprio arcebispo, com toda a pompa religiosa e apparato de tão famosa cathedral. Prégou o inquisidor d'aquella cidade, que, colhendo o lanço do triumpho da Santa Cruz, celebrou a propagação da fé no Japão, e a chegada dos senhores embaixadores com tal excellencia, que a todos satisfez, e todos applaudiram.

Acabada a acção religiosa, seguiu-se um magnifico banquete digno de tal principe. N'esta occasião muito se edificaram os japões com a exemplar caridade do bom prelado. N'uma sala proxima á do banquete estava outra mesa em que mandou servir do seu proprio jantar a doze pobres, pelos seus mesmos escudeiros e servidores, o que não era mais que a repetição de uma santa obra que elle todos os dias praticava, imitando assim os santos bispos, que para com os pobres costumavam por este modo mostrar-se caridosos, e especialmente o santo pontifice Gregorio Magno, que teve por uso chamar para a sua mesa alguns pobres. Depois do jantar levou-os o proprio arcebispo a ver a capella do paço, que, além de muito rica em obras de arte e ornatos, tinha muitas reliquias de santos insignes, as quaes todas lhes disse que reservava para mandar ao Japão na sua volta, como realmente fez. Deu-lhes tambem quatro pannos de arrás, admiravelmente tecidos em seda e oiro, com bellas figuras. Infelizmente, porém, estas peças, bem dignas da real grandeza do doador e dos principes japonezes, perderam-se com o naufragio do navio em que foram remettidas para a India.

Nem ficou por aqui a generosidade do metropolita eborense. Acrescentou duzentos e cincoenta cruzados para gastos da jornada, além de outros mil destinados á compra de mimos elegantes da Europa para offere-

[1] Usa o auctor em toda a sua obra da palavra latina *aureus* todas as vezes que falla em dinheiro. Cremos que fallando assim não se referia á moeda portugueza mandada cunhar por D. Sancho I, e que corria no reinado de D. Sancho II, com o nome de *aureo*, cujo valor era de pouco mais de 120 réis da nossa moeda; mas que entendia por *aureo* o cruzado de oiro que fez lavrar D. Affonso V com o valor de 400 réis. Por isso sempre que fallarmos em cruzados, fiquem os leitores entendendo que é a traducção que dâmos da palavra latina *aureus*.

cerem a seus parentes no seu regresso ao Japão. Finalmente foi tal a largueza d'este prelado para com os japões, que justamente se lhe confessavam, por si e pela sua patria, muito agradecidos e penhorados.

(Continúa) A. J. F.

COSTUMES DA ILHA DA MADEIRA

De todas as descripções da nossa deleitosa e poetica ilha da Madeira, não conhecemos nenhuma tão completa e enthusiasmada como a do dr. Macauay, que serve de texto á primorosa collecção de estampas publicada em Londres, intitulada: *Madeira Illustrated.*

Ahi se espraia o douto viajante em manifestar as sensações que lhe causaram os passeios que fez por toda a ilha, não só pelo gozo de tantas vistas e scenas admiraveis, mas pelo engenhoso modo de conducção que os naturaes tem ideado, para ascender ás fragosas e alpinas eminencias que formam quasi toda a ilha, e para as descerem tão rapidamente como n'um caminho de ferro.



Rêde ou tipoia da ilha da Madeira

Ha n'aquella ilha algumas carruagens, mas são poucos os caminhos para ellas. O modo de viajar ou passeiar é a cavallo, de cadeirinha, de palanquim, de rêde, e de carrinhos sem rodas, chamados corças, para descer as montanhas. Já se vê que ha alli todos os modos de conducção usados na Europa, na Asia e na America.

Só em rêde, como está figurado na primeira estampa, é que se póde, e não sem risco, caminhar por aquellas penedias, cortadas de barrancos, fojos e algares profundos, por sendas quasi impérvias, ao som pavoroso das torrentes que se precipitam das rochas, em summa, por entre abysmos, mórmente para chegar ao cume da levada do Rabaçal, cuja penha tem mais de mil pés de altura.

Deita-se o viajante na rêde, e muitas vezes tem de fechar os olhos para não ver o precipicio por onde o levam.

Para descer os montes menos escabrosos, usam dos carrinhos que mostra a segunda estampa. São como os que correm nas montanhas russas, mas não tem rodas. As traves são de madeira, e o mais de vime. Chamam-lhes *corças*, nome bem appropriado á velocidade da sua carreira. Dois homens lhes dão impulso, e os vão guiando e amparando. É divertimento muito do gosto dos estrangeiros.

O camponez ou villão que na estampa se vê entre o portal, com uma bilha ao hombro, é dos que se occupam no trabalho de lavoira, que ha por aquelles pincaros, tão ricos de vegetação, e sobretudo de vinhêdo.

Com o seu indispensavel bordão, se embrenham por aquellas rochas e alcantis, indo por sendas precipitosas, a que a vista não descobre carreiro nem para cabras, mas que elles trepam e descem carregados com grandes pesos, com tal desembaraço e agilidade, que só a invencivel força do habito e o desconhecimento do perigo póde explicar.

CHRONICAS DO POVO

I

O ESCRAVO

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

I

As ruas que do monte Janiculo se encaminhavam para o Forum achavam-se atulhadas com as turbas de ociosos e descuidados que existem sempre nos centros de civilisação. A indolencia romana despertára, esperando uma distracção nova. Contava com a chegada de uma grande leva de prisioneiros.

Os senhores do mundo tinham encontrado uma nova nação para subjugar; era aquelle canto de terra todo coberto de florestas magicas e protegido por deuses desconhecidos; iam finalmente os romanos ver o povo da Armorica, tão maravilhoso pela sua força, tão estranho em cultos e em costumes, mas que fôra curvado ao dominio das aguias.

Todos os instinctos do grande povo se achavam excitados, a curiosidade de todas as naturezas abalada; havia ao mesmo tempo triumpho para o orgulho, e espectaculo para desfastio. Só de quando em quando, d'entre a multidão reunida com o mesmo pensamento, se ouviam algumas palavras de queixa. Eram os mais pobres que, no meio da publica alegria, se entristeciam por não terem alguns milhares de sestercios para comprar um armoricano.

Pela quarta hora (dez da manhã) dispozeram-se os espectadores em alas; começava a procissão dos prisioneiros a passar pela porta Aurelia e a atravessar as ruas da cidade.

Mais de seis mil celtas, trazendo na fronte, como duplo attestado da perda da sua liberdade, uma coroa de folhagem e uma indizivel expressão de dor, desfilaram perante a nação soberana. Todos os tormentos reunidos se percebiam no olhar e na attitude dos prisioneiros. Não caminhavam tendo só o coração dilacerado pelo desespero inutil; os padecimentos do corpo vinham juntar-se ás angustias da alma. A fadiga da estrada, e mais que tudo, a influencia dos novos climas traziam-n'os extenuados. Tinham vivido respirando as frescas brisas do Oceano, conhecendo só o temperado sol da Armorica e o silencio das florestas; não podiam supportar nem o sol ardente da Italia, nem a poeira branca das estradas, nem os gritos da multidão.

Se, porém, demoravam o passo, enfraquecidos pela lucta com o clima estranho, o latego do conductor lembrava-lhes de prompto, que nem sequer tinham direito a descançar.

Não sei se o espectaculo de tantas miserias reunidas commoveu inteiramente os romanos ávidos de espectaculos e de dominação; sei que d'aquellas turbas não saíram signaes alguns de piedade, que nem olhos houve que se desviassem, nem queixumes de compaixão que se ouvissem.

Quando um povo inteiro verga ao peso de uma ca-

lamidade, que, como um só golpe, lhe lança por terra felicidades e alegrias, as individualidades parece que se sommem na desgraça commum, e todas as dores especiaes como que se modelam e harmonisam pela dor geral. Entretanto havia entre os milhares de victimas que atravessavam Roma, uma cuja physionomia se apresentava mais inquieta, mais angustiada ainda que as outras, mas ao mesmo tempo tambem deixando perceber melhor o cunho profundo da dedicação e da coragem. Era a de uma mulher de trinta e cinco annos, proximamente, cujo olhar não se desviava da criança que caminhava ao seu lado. As maiores afflicções que podem caber n'um coração de mãe estavam expressas n'este olhar; e além da dor que se deixava ver nos olhos de todas as mães, havia como que uma especial e santa energia.

A historia da pobre mulher era quasi a das suas companheiras. Víra morrer a seu lado o marido e o filho mais velho, e depois fôra feita prisioneira com o filho mais novo. As dolorosas perdas que soffrêra não tinham diminuído nada da sua sollicitude materna; esquecia os pezares proprios para cuidar nos do filho que lhe restava. Amára certamente mais e melhor do que as outras, porque só os corações escolhidos se conservam assim dedicados e fortes nas horas de agonia.

Chamava-se Norva. Arvins, seu filho, de uns doze annos de edade, proximamente, caminhava em silencio ao lado de sua mãe. O andar denotando firmeza e gravidade, a resignação muda, a expressão serena, attestavam eloquentemente a sua origem. Com as mãos no cinto, a cabeça levantada, o olhar triste mas sêcco, ia seguindo sem soltar um só queixume aos que caminhavam diante d'elle. E comtudo, n'aquella mocidade valente havia bastante fraqueza pueril para que os seus prantos não podessem ser considerados como covardia. Parece que tambem reforçava o animo com a vista de sua mãe, porque, quando encontrava os olhos d'ella, levantava mais a cabeça e pisava o terreno com mais firmeza.

E a pobre crianca soffria bem cruelmente; pensava no passado, e prevía o futuro que os seus companheiros lhe tinham feito comprehender; ainda assim, bem via entretanto que esse passado continha recordações mais pungentes ainda para sua mãe; como o futuro lhe devia pesar tambem mais porque era mais fraca, e em pouco tempo devia estar velha. Por isso disfarçava os seus soffrimentos.

A vista de Roma e dos monumentos que continha não distrahiu a grande dor de Norva. Os ricos palacios, os soberbos templos da *cidade* por excellencia, passaram por diante d'ella como se fossem sombras; mas Arvins, a quem a mocidade punha ao abrigo d'estes pezares sem tregoas, que obrigam a alma a lavrar sempre o mesmo sulco, ficou pasmado diante das maravilhas que se lhe apresentavam á vista. Tambem conservou a apparencia grave; mas pouco a pouco a expressão de tristeza, que se percebia debaixo d'esta gravidade, foi cedendo logar á admiração.

A grande quantidade de estatuas de marmore e de bronze, os templos cercados de columnas, onde a luz produzia tantos effeitos magicos, as linhas de palacios com vestibulos riquissimos, impressionaram vivamente aquella criança. Não se podia cançar de ver no meio das magnificencias da arte centenares de homens trajando purpura, ou correndo levados em carros de oiro com a rapidez do relampago.

Quando, porém, chegou ao Forum, transformou-se-lhe o pasmo em estupefacção. Os edificios mais bellos que Roma possuia estavam encerrados n'aquelle recinto que o Capitolio sobrepujava. Os olhos de Arvins corriam de um templo para o outro, das basilicas para as estatuas doiradas, e em toda a parte encontrava a mesma elegancia, o mesmo esplendor.

O moço armoricano pensava comsigo se seria realmente obra dos homens tudo quanto o cercava.

Chegando ao centro da praça parou a comitiva, era o sitio em que devia ter logar a separação dos prisioneiros; era ahi que elles deviam seguir os diversos mercadores que os tinham comprado á republica, para os venderem depois aos differentes senhores que haviam de os baptisar escravos.



Carrinho chamado *corça* da ilha da Madeira

Arvins foi cruelmente despertо e chamado á realidade da sua situação, quando lhe fizeram sentir que tinham chegado ao cabo da jornada.

Aquella especie de encantamento em que estivera mergulhado por algum tempo, desappareceu rapido para dar logar á inquietação. Que destino lhes dariam?... Teriam o mesmo senhor?... Iriam acrescentar-lhes a tantos infortunios a grande infelicidade de uma separação!...

Extenuados pelo calor, os armoricanos, havia pouco ainda valentes, quando viviam na sua atmosphera rude e aspera, deitaram-se nas lages que calçavam o Forum, procurando com avidez a sombra de algum edificio, de alguma estatua, ou mesmo de alguma columna por mais delgada que fosse. D'esta vez o acaso foi propicio a Norva e a seu filho; deu-lhes a sombra da immensa figueira do lago Curcio.

A dura voz dos negociantes de escravos não tardou a interromper este curto descanço. Fizeram signal aos prisioneiros para que se levantassem; trataram de os repartir, e cada um dos traficantes levou a sua porção escravos.

Arvins e sua mãe, tendo sido comprados á republica pelo mesmo dono, foram conduzidos com mais trinta companheiros seus para uma *taberna* [1] proxima do templo de Castor.

A venda definitiva só alguns dias depois é que devia ter logar, quando os captivos tivessem descançado; porque os romanos queriam só escravos sadios de corpo, bellos e vigorosos.

Esta saude, que pagavam como objecto de luxo, depressa esmorecia na escravidão; mas, em quanto durava, era para os palacios um ornato, pelo menos, com que a vaidade dos opulentos se glorificava.

Por conseguinte, visto que já se déra ceva ao orgulho nacional, mostrando-lhe o abatimento de uma nação vencida, era preciso cuidar em satisfazer exigencias de outra ordem, era preciso ataviar o genero que iam apresentar aos compradores, engordar o gado!... e n'isto consistia a nobre sciencia do alquilador.

[1] Os romanos chamavam *taberna* a todas as lojas, tendas, armazens e officinas.

Apenas entraram na taberna os armoricanos, entre os quaes se achavam Norva e seu filho, cercaram-n'os de mil cuidados; tinham-lhes já preparada uma abundante refeição, e havia escravos antigos encarregados de lhes prover as necessidades que accusassem.

II

Quando chegou o dia da venda perfumaram os celtas á saída do banho; pentearam-lhes cuidadosamente os compridos cabellos, em que entremearam alguns ornatos, tendo o maior desvelo em não lhes disfarçar o caracter estrangeiro que denunciava a sua origem. Finalmente, quando chegou a quarta hora, depois de lhes terem posto na fronte a mesma coroa de folhagem com que tinham entrado em Roma, e de lhes terem suspenso do pescoço uma tabella, onde se liam as qualidades de cada um, fizeram-n'os subir a um tablado erguido diante da taberna, reunindo-lhes uns quinze prisioneiros antigos de quem o proprietario contava desfazer-se, com a affluencia de compradores que a venda dos armoricanos devia attrahir.

Conforme a lei, que determinava que os alquiladores declarassem, por meio de signaes exteriores, a origem dos seus escravos, não traziam estes ultimos, como os celtas, coroa de folhagem, que distinguia os prisioneiros de guerra; mas os pés esfregados com cré indicavam que eram d'além-mar. Alguns tinham um barrete branco de lã, annunciando que o vendedor não respondia pelas suas qualidades, e não queria contrahir para com os compradores nenhuma d'aquellas responsabilidades com que a lei o onerava.

Pela segunda vez o Forum romano ostentava os seus esplendores diante dos habitantes da Armorica; mas, se os pobres captivos tinham ganho com o repouso um pouco da sua força antiga, não deixavam por isso de conservar a alma triste, ou inaccessivel ás distracções.

Aquelle luxo, todo de marmores, de bronzes, de monumentos, era a custo percebido pela maioria.

Uma coisa só os impressionou; foi o aspecto quasi deserto que apresentava então aquella praça, onde alguns dias antes tinham visto desenrolarem-se ondas de população.

Era no momento em que os magistrados estavam exercendo a justiça, em que os gestores cuidavam nas basilicas das coisas de commercio, em que os compradores se distrahiam nas lojas e casas de venda. E os ociosos, esses, tambem se demoravam por onde havia movimento, occupando-se, como de costume, em examinar com toda a seriedade o trabalho dos outros, sem n'elle tomarem parte.

Uma hora ou duas depois, havia de mudar completamente a physionomia do Forum; a população romana devia inundar a praça; mas até então estavam os captivos com liberdade de se mover e de pensar.

Empregaram estes momentos de espera no ultimo adeus. Poderam apertar a mão uns aos outros uma vez ainda; trocaram lagrimas, recordaram-se dos mortos, repetiram o nome da patria na linguagem dos celtas, linguagem querida da infancia, e que tinham de abandonar em breve pela que fallavam seus senhores.

Os mais fortes procuraram dar alguma consolação aos mais debeis fallando-lhes em vingança. Repetiram-lhes que a Armorica não estava ainda perdida de todo; e que os deuses que a protegiam haviam de velar sempre sobre os tristes desterrados; mas entre as vozes que se erguiam para animar estes generosos orgulhos, a do velho druída Morgan fazia-se ouvir superior a todas.

— Não apresentemos covardemente as feridas do coração aos nossos inimigos, repetia com voz socegada e forte; mostrámos-lhes como o nosso sangue corria, não saibam agora como nos correm as lagrimas. Por maiores tormentos que este povo nos reserve, não póde haver supplicio mais cruel, do que foi o que nós padecemos quando nos arrancaram á força do solo paterno. Avivemos pois a lembrança de que já vão passadas as mais duras provas. As mulheres, essas mesmas, se novas dores, por amor de seus filhos, lhes pungirem, não deixem escapar nem um grito sequer; seja o coração da armoricana tão grande que n'elle se absorvam todas as lagrimas de mãe.

O olhar de Morgan pairava sobre os que o cercavam com expressão de commando superior; mas quando encontrou os olhos de Norva, que se fitavam com anciedade no filho, umas sombras de compaixão lhe turvaram o espirito, e a sua voz tomou repentinamente mais suave accentuação.

— Norva, disse elle, és viuva de um chefe; lembra-te de que meu irmão te está vendo do palacio de nuvens em que habita agora; não dês causa a que elle córe de pejo diante dos heroes seus companheiros!

— Farei a diligencia, respondeu a pobre mãe.

— E tu, criança, acrescentou o velho voltando-se para Arvins, tu que d'aqui a algumas horas virás a ser um ramo arrancado ao tronco, lembra-te de que é tua patria a Armorica, e que antes do dia em que o solo da tua terra natal foi calcado pelos romanos, os celtas teus ascendentes, que elles carregaram de cadeias, viviam livres e felizes á sombra das nossas copadas florestas. Quanto mais odio transbordar do teu peito, mais o deves ter aos nossos inimigos; e quando os nossos deuses, unicos verdadeiros e poderosos, permittirem que chegue para a tua nação o momento da liberdade, mostra a estes dominadores que nós tambem somos dignos de dominar, porque tambem sabemos combater. Se porventura a vista de um teu inimigo te causar alguma vez compaixão, escuta as tuas recordações, e todas te hão de dizer que, á falta de outra herança, os armoricanos transmittiram a seus descendentes o desejo de se vingarem.

Os raios que chisparam dos olhos de Arvins faziam perceber promessas muito além do que a palavra poderia exprimir. Morgan, velho, forte e animoso, mas sacerdote de uma religião que não perdôa, pareceu contente com os sentimentos que acabava de excitar, poz as mãos na cabeça da criança, como em signal de que o abençoava, voltou-se para a mãe e acrestou:

— Não receies por teu filho, Norva, tem já o coração forte bastante para que os males da vida passem por elle sem o aviltar.

A clepsydra do templo de Castor marcava a quinta hora; era no momento em que a praça do Forum ia ser invadida pela multidão; o mercador impoz silencio aos escravos.

Norva uniu-se mais a Morgan, e procurou aproximar seu filho mais de si, porque lhe parecia que se fortificava com esta dupla protecção do amor e da piedade. Arvins apertou ao coração as mãos de sua mãe, e lançou-lhe um olhar em que a supplicante submissão da criança se misturava com a resolução energica do homem.

Não tardaram os curiosos em se reunirem pelas tabernas dos negociantes de escravos, que se achavam em diversos pontos do Forum. Os mercadores, com uma vara na mão, passeando diante dos palanques, onde estava exposto o genero que queriam vender, procuravam attrahir as attenções da turba, sobrelevando em amplificações as impudentes mentiras dos seus visinhos.

—Vinde ter commigo, illustres cidadãos, gritava o proprietario de Norva e de seu filho, nenhum dos meus companheiros vos póde apresentar escravos com qualidades tão maravilhosas, como são as que os meus tem. Bem sabeis que ha muito sou conhecido no com-

mercio pela boa qualidade da fazenda que vendo. Olhae, continuou elle designando um armoricano de trinta annos de edade, notavel pela elegancia de fórmas e pela energia das posições; onde encontrareis vós homem tão forte e tão formoso? Não merece servir de modelo para um Hercules? Pois bem, nobres romanos, acreditae na minha palavra, porque coisa alguma d'este mundo me obrigaria a mentir-vos, este escravo é mil vezes ainda mais precioso pela sua probidade, pela sua intelligencia, pela temperança e pela subjeição, do que por esta formosura que vos faz pasmar. Qual de vós deixaria de fazer de boa vontade um ligeiro sacrificio para adquirir thesouro tão raro?

Quanto mais ia engrossando a multidão diante do tablado do alquilé, tanto mais ia augmentando o seu palreiro desaforo. Dir-se-hia que a figura ignobil d'aquelle traficante de homens, personificação viva de todas as paixões vergonhosas e brutaes, estava lançada para alli, como para servir de contraste com as magnificas frontes dos celtas, nas quaes, pela maior parte, só reflectiam instinctos altivos e sentimentos nobres. Já se tinham concluido muitas transacções determinando-se a separação de muitos seres que se extremeciam. Muitos velhos tinham já visto afastarem-se os filhos que os amparavam, muitas crianças tinham visto suas mães afastarem-se; mas comtudo sustentaram todos religiosamente a promessa que tinham feito, de não darem aos seus inimigos o espectaculo da sua dor. Abafavam-se os suspiros, e recolhiam-se as lagrimas ao coração, cada vez que viam perder-se ao longe, por entre as turbas, um companheiro ou um amigo, e se o valor de alguma das mães a desamparava na occasião em que lhe arrebatavam um filho, havia sempre quem tivesse cuidado de lhe passar para a frente, a fim de que os gemidos não fossem notados pelos conquistadores.

As scenas todas d'este drama pungente, mas silencioso, repercutiam profundamente na alma de Norva. A cada um dos golpes que iam successivamente ferindo seus irmãos, sentia como que uma nova faculdade dolorosa desenvolver-se no coração; mas quando estava quasi a desfallecer, levantava os olhos para Morgan, e a vista da fronte do velho fazia-lhe cobrar coragem.

Por alguns instantes ainda, o coração da pobre mulher se encheu de jubilo. Acabava o mesmo dono de comprar mãe e filho juntos; podia ser que lhe acontecesse o mesmo; porém d'ahi a um instante veiu a reflexão angustial-a de novo: havia tantos filhos sem mãe! havia tantas mães separadas de seus filhos!

Restava apenas uma duzia de armoricanos, se tanto, entre os quaes se achava ainda o grupo de Morgan, de Norva e de Arvins, quando as vistas de um liberto se detiveram mais attentamente para este ultimo.

O alquilé, que estava sempre á espreita do que se passava nas visinhanças da sua tenda, adiantou-se logo para o pé do rapaz, e tocando-lhe com a vara no hombro:

— Olhae para isto, nobre romano, exclamou elle, voltando-se para o lado do liberto; não se dirá, vendo este joven tão alto, tão robusto, que vem a ter os seus quinze annos pelo menos? Pois asseguro-vos, que não tem mais que nove annos. Imaginae o que virá a ser em tempo! Esta raça armoricana é realmente admiravel.

Norva não podéra evitar um tremor, quando viu a vara do traficante de escravos poisar no hombro de seu filho; Arvins pela sua parte não deu o menor signal de fraqueza durante o exame demasiadamente longo do comprador.

Este, finalmente, depois de se ter convencido de que o rapaz lhe convinha, offereceu por elle trezentos sestercios. Algumas vozes foram elevando este preço até quatrocentos sestercios, depois não se ouviu nenhuma proposta mais.

O romano que déra o ultimo lanço subiu ao estrado, aproximou-se de um homem que tinha diante de si uma pequena mesa onde estavam umas balanças de latão, e tomando uma pequena moeda:

— Declaro, repetiu, que este rapaz me pertence, segundo o direito dos quirites, e que o comprei com dinheiro meu, e servindo-me d'esta balança.

E em seguida deixou cair a pequena moeda n'um dos pratos da balança.

Este som foi um golpe mortal para Norva, porque já ouvíra outro similhante de cada vez que um companheiro seu era apartado do grupo. O rapaz perturbou-se momentaneamente, quando percebeu a pallidez de sua mãe; mas um simples olhar de Morgan bastou para lhe tornar o aspecto sereno.

O velho inclinou-se vivamente para Norva, murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido, e a pobre mãe endireitou-se vivamente.

Esta scena foi de certo muito rapida, para que algum estranho désse por ella. Morgan assim o imaginou pelo menos, porque dirigiu para a multidão romana o seu habitual olhar de desdem.

O alquilador veiu buscar Arvins para o reunir aos antigos escravos do liberto, que á beira dos tablados estavam esperando pelo seu companheiro novo. Um movimento brutal separava o filho de sua desgraçada mãe, e os labios da infeliz mulher nem tiveram tempo ao menos de se aproximarem da fronte de seu filho!

— Até mais ver, minha mãe, exclamou Arvins, porque espero que nos tornaremos a ver em breve; porque conto com a minha força e com a minha paciencia. Até mais ver, Morgan.

— Adeus, exclamou este, estendendo-lhe a mão.

E deixou ficar o braço levantado algum tempo para esconder das vistas dos ociosos a pallida physionomia de Norva.

(Continúa)

FONTE DA SAMARITANA

(EM XABREGAS)

Esta fonte publica remonta ao tempo del-rei D. Manuel, posto que não seja do estilo manuelino. Ha n'este pequeno, mas interessante monumento, mais tendencias para a renascença, que em nenhum dos spécimens do typo d'esse estilo original e poetico, sem rival nem imitação em toda a Europa, o magestoso templo de Belem.

Quando a piedosa rainha D. Leonor, irmã del-rei D. Manuel, e viuva de D. João II, mandou edificar, junto do seu palacio de *Enxobregas* [1], o convento da Madre de Deus, em 1508, se fez então esta fonte, encostada ao mosteiro, e á beira da estrada. Depois é que se transferiu para o sitio onde se acha, como logo diremos.

Chamou-se-lhe fonte da Samaritana, por ter esculpida a figura da mulher da Samaria a quem Jesus Christo pediu de beber, na occasião em que ella estava tirando agua do poço de Jacob, na cidade de Sichar. É este passo da Escriptura que está representado em relêvo de cantaria no quadro da fonte. Está no meio o poço de Sichar, e aos lados a imagem de Christo e a figura da Samaritana, tendo gravadas em duas fitas, com letras gothicas, as primeiras palavras do dialogo entre o Salvador e a Samaritana, segundo o Evangelho de S. João, cap. IV. v. 7.

Por baixo havia uma bica com sua pia, que está inteiramente quebrada, e que na estampa se accusa.

[1] Vid. o tomo IV, pag. 182 d'este semanario.

Ao lado ha um tanque para lavandeiras, onde hoje corre a agua. No apainelado d'este tanque divisa-se a empreza das armas da rainha D. Leonor, que é uma rede, das que os pescadores chamam de arrastar, symbolo que ella adoptou em memoria de ter expirado seu filho, o principe D. Affonso, na humilde cabana de um pescador, caíndo desastradamente do cavallo, na margem do Tejo, em Santarem.

Proximo de dois seculos se conservou a fonte da Samaritana junto á egreja da Madre de Deus. O motivo que houve de a transferir para o sitio onde actualmente se acha, que é passado o largo do antigo paço de Xabregas, hoje pertencente á casa de Nisa, consta do archivo da camara municipal, e o sabemos pelas investigações do seu antigo archivista o sr. José Sergio Velloso de Andrade, que tanto hão de contribuir para a historia das antiguidades de Lisboa, como se verá pela seguinte memoria.

«O conde de Castello-Novo, presidente do senado, e mais vereadores, querendo formar em Lisboa mais quatro chafarizes, e constando-lhes que Diogo Soares, secretario de estado de Portugal em Madrid, e sua mulher D. Marianna d'Eça, possuiam uma grande nascente na sua horta do Valle de Chellas, foram á dita nascente fazer vistorias em 16 de fevereiro e 2 de março de 1633, levando em sua companhia os architectos Theodosio de Frias e Mattheus do Couto; Fernão Ferreira, medidor das obras; Domingos Rodrigues, mestre das ditas; e outros, os quaes fazendo suas experiencias, medições e orçamentos, assentaram: que a nascente dava 16 anneis de agua, com os quaes se podiam formar tres chafarizes; que da bica nascente até á quinta do Terreiro do Trigo aonde se devia formar uma arca de agua, havia em distancia 1:424 ½ braças de 10 palmos cada uma; que entre estes dois pontos havia 45 ¼ palmos de inclinação de terreno; e que para este encanamento se precisavam aproximadamente 61:555 cruzados (24:622$000 réis).

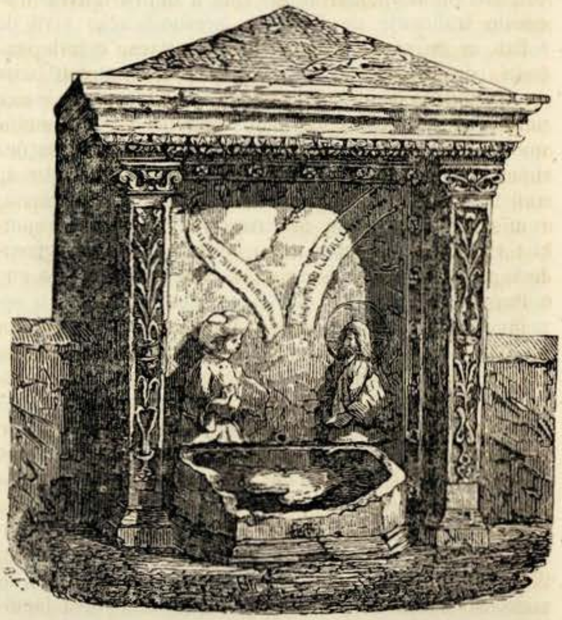
Esta horta era foreira ao extincto convento de Santo Eloy, em 2$400 réis, com o dizimo das novidades; e por isso se lavrou uma escriptura aos 10 de abril d'aquelle anno, nas notas do tabellião Corrêa, entre o directo senhor e o emphyteuta, impondo-se 1$000 réis de fôro em uma terra de pão que era livre na estrada da Charneca, onde chamam os Junqueiros, ficando assim pagando de fôro annual 3$400 réis, para que a agua d'aquella nascente lhe ficasse livre, e d'ella podesse dispor; depois do que, por outra escriptura de 14 do dito mez, fez d'ella venda ao Senado por doze mil cruzados, como por emprestimo, recebendo o juro de 20 por milhar (5 por cento) das quantias que fossem ficando em divida; estipulando-se mais, que por quaesquer obras, encanamentos, etc., que se precisassem fazer por dentro da sua horta, nenhuma indemnisação receberia, por quanto tudo ficava incluido na mesma venda.

Por escriptura de 4 de outubro seguinte, se pagaram 2:600$000 réis, e por outra escriptura de quitação de 21 de dezembro do mesmo anno recebeu mais 2:200$000 réis; finalmente, em 16 de setembro de 1634, recebeu 99:180 ½ réis por saldo de todo aquelle contrato.

Para o senado poder ultimar estes pagamentos, pediu por emprestimo a seis differentes mutuantes, o capital de 3:040$040 réis, de que a camara ainda hoje paga o juro de 152$002 réis por anno.

Não se levou a effeito a conducção d'esta agua até Lisboa, e tão sómente se fez o encanamento até onde se acha hoje a bica ou fonte da Samaritana, mas não descobrimos a epocha certa em que se fez.

O dito encanamento vem pela cerca do convento da Madre de Deus, e no anno de 1634, sendo vereador do senado o conde-barão, este particularmente permittiu ás freiras abrirem um registo n'aquelle encanamento, para levarem á sua sacristia a agua precisa para o lavatorio; mas em 1694, como se sentisse grande falta de agua n'esta bica, mandou o senado fazer uma vistoria pelo vereador do pelouro das obras, o desembargador Luiz de Foios de Souza, e o mestre da cidade. Então se conheceu a existencia do dito registo; de outro encanamento por onde se divertia a agua; e que as freiras não só tiravam a precisa para o lavatorio, mas ainda outra porção para seu uso; e isto tendo dentro do seu claustro uma excellente fonte, e na portaria um abundante poço, pelo que o senado consultou em 2 de junho do mesmo anno, sendo de parecer que aquelle registo se tapasse; e assim foi resolvido em 4 do dito mez.



Fonte da Samaritana

Por esta occasião, isto é, em 22 de julho seguinte, consultou o senado, que junto ao rio de Xabregas havia uma horta a que chamavam do Moço, a qual pertencia á real fazenda; e porque aquelle encanamento passava alli por cima de um muro, dando isto logar a frequentes roubos de agua, pedia licença para se fazer outro novo encanamento por baixo do chão; e assim foi resolvido em 28 do mesmo mez.»

Por estas noticias, extrahidas de documentos authenticos, se póde inferir que a fonte da Samaritana fôra transferida para o sitio onde actualmente a vemos, quando se começaram a fazer os encanamentos para trazer a Lisboa a agua de Chellas, com intento de augmentar o provimento da cidade com mais quatro chafarizes.

Tambem é verosimil que fosse removida do pé da egreja da Madre de Deus, onde a rainha D. Leonor a mandára construir, quando o antigo paço de Xabregas foi reedificado pelos marquezes de Nisa, no seculo passado, herdando-o da casa de Unhão, que o possuia por doação que d'elle fizera el-rei D. João IV á condessa camareira-mór da rainha sua mulher.

Quando ao sitio de Xabregas chegaram as obras do caminho de ferro de léste, houve idéa de desmanchar esta velha fonte. Felizmente appareceu na imprensa quem se oppozesse á demolição d'este apreciavel monumento, digno de conservação, por ser obra da piedosa rainha que instituiu a casa da Misericordia, o hospital das Caldas, e outros estabelecimentos de caridade.

Tem a fonte da Samaritana 2^{m},90 de altura, 1^{m},87 de base.